

OS MOMENTOS DO TUPI

Affonso Robl *

Introdução

É fato incontestável a onipresença do tupi na cultura brasileira. Fez-se presente, de maneira dinâmica, útil e não menos pitoresca, na formação da nossa nacionalidade.

Se existe uma língua indígena brasileira que melhor sirva às diversas indagações comparativas dos filólogos, é, sem dúvida, o tupi. E para os nossos lingüístas, presta-se ele admiravelmente para exemplificação de fatos não encontrados na língua portuguesa. v. g., a indistinção de classes (poronga, "belo" e "beleza"; mondá, "roubar" e "ladrão") ou a conjugação dos substantivos (mena, "marido"; menama, "futuro marido"; menduera, "o que foi marido"; menambuera, "ex-futuro marido").

Primeiro momento: o brasilco

Segundo cálculos muito estimativos, havia no Brasil quinhentista uns dois milhões de índios, que falavam aproximadamente cento e oitenta línguas diferentes.¹

Entretanto, os missionários e os viajantes² dos primeiros séculos nos dão notícias quase tão somente das tribos tupis da costa.³

Dividiam-se os tupis em muitas "nações", diferenciadas por alcunhas de honra e acatamento, de desprezo e ódio, ou significando alguma qualidade como também determinado "modus vivendi".

Por exemplo, os tupinambás, grupo mais forte e numeroso, auto-denominavam-se apyabeté (apyaba, "macho" + — eté, "verdadeiro"); tamoi (tamula) significa "avô"; potiguara provavelmente quer dizer "papa-camarão"

* Affonso Robl é Licenciado em Letras Clássicas pela Universidade Federal do Paraná (1964). Atualmente é pós-graduando da Universidade de São Paulo na área de Lingüística Românica e Auxiliar de Ensino de Filologia Românica no Departamento de Lingüística, Letras Clássicas e Vernáculos do Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Paraná.

¹ Atualmente, porém, existem apenas — graças ao avanço da "civilização" — cerca de cento e cinquenta mil indígenas, que ainda usam umas cento e cinquenta línguas ou dialetos.

² No que toca aos dialetos tupis, têm certa importância André Thevet, Hans Staden, Jean Léry, Ives d'Evreux e Cláudio d'Abbeville.

³ Constitui valiosa exceção a Arte de gramática da língua kiriri, do jesuíta Luís Vincêncio Mamiani, editada em 1699.

(potl por potí, "camarão" + guara, "comendor"); (4) goitacá é o indivíduo que "anda pelas matas, o mateiro" (guatá, "andar" + kaá "mato")... Os demais silvícolas não pertencentes à família dos tupis eram por estes apodados *tapuía* (*tapyuía*) "barbáro, inimigo".

Como se sabe, foi sob o influxo da evangelização difundir "a Fé e o Império" — que se iniciou o estudo das línguas ameríndias. No Brasil, os primeiros trabalhos gramaticais tupinicos se devem a estes incomparáveis evangelizadores do gentio de nossa terra — os padres da Companhia de Jesus. É verdade que para os jesuítas o tupi representava um meio. Estudavam-no com finalidade pragmática: a promoção da catequese.

No entanto, Mattoso Câmara labora em grave erro, quando afirma que o tupi jesuítico "é uma sistematização simplificada [...], em que se deixa de lado tudo aquilo que atrapalha e não prejudica essencialmente [...]"; que é "uma língua franca, isto é, de intercuro [...], a chamada língua geral [...]"⁵.

Mais adiante, assevera ele categórico: Fez (o missionário) um trabalho de disciplinação, de interpretação do tupi, de acordo com certos ideais, certos preconceitos sobre a gramática geral, que era no fundo a gramática latina".⁶ E conclui com esta tirada de ululante exagero: "Todo o léxico, toda a semântica da língua se adaptou à visão cósmica ocidental, dando-se uma transformação geral no quadro das significações da língua tupi."⁷

Entendo por tupi jesuítico a língua brasílica unificada, sistematizada pelas gramáticas de José de Anchieta (1595), Luís Figueira (1621) e Bartolomeu de Leão (1686), sintaxizada pelos catecismos de Antônio Araújo (1618) e João Felipe Bettendorff (1687), e lexicalizada pelo *Vocabulário na língua brasílica*, de autor anônimo (século XVII). "Representa fixação uniforme daquela maneira de falar, que aos missionários lingüistas, se afigurava mais generalizada entre as diversas tribos da costa".⁸ Embora, no seu conjunto, não correspondesse exatamente a nenhum dialeto, sua compreensão — em que pese às variantes geográficas e cronológicas — não constituía obstáculo a qualquer tribo tupinica.⁹ Trata-se, pois, do tupi antigo, comum, corrente nas regiões costeiras, desde São Vicente até o Maranhão, durante os séculos XVI e XVII.

Muito ao contrário do que insinua Mattoso Câmara, o escrúpulo dos inicianos em matéria de língua tupi foi tão acentuado que, somente depois

⁴ Cumpre observar também que potí quer dizer "excremento". Autores há, porém, que registraram *pitiguaras* ou *pitiguaras* (*petyma* — *petí*, "fumo tabaco"), isto é, "mascadores de fumo".

⁵ MATTOSO CÂMARA JR., J. *Introdução às línguas indígenas brasileiras*. 2. ed. Rio de Janeiro, Acadêmica, 1965. p. 101-2.

⁶ *Ibid.*, p. 102.

⁷ *Ibid.*, p. 104-5.

⁸ EDELWEISS, Frederico G. *Estudos tupis e tupi-guaranis*. Rio de Janeiro, Brasillana Ed., 1965. p. 72.

⁹ Continha, basicamente, elementos tupiniquins e tupinambás.

de quarenta anos de estudos e de convivência diuturna com os aborígenes, de repetidos cotejos entre as anotações dos missionários lingüisticamente mais hábeis, é que eles ousaram publicar as suas primícias em língua tupi.¹⁰

É inquestionável que os filhos de Santo Inácio procuraram sistematizar o tupi, em consonância com os cânones gramaticais greco-latinos, pois não lhes era possível eximir-se das influências lingüísticas da época. Mas isso não implica, de modo algum, que eles tenham latinizado a estrutura do tupi, como erroneamente pretende Mattoso Câmara. É só compulsar a *Arte de gramática da língua mais usada na costa do Brasil*, para se dar conta de que Anchieta depreendeu-lhe muito bem, apesar de alguns senões, as diferenças estruturais. Chega até a tratar dos índices de classe; sem dúvida, uma categoria estranha aos gramáticos da época.

Se a língua é visão e expressão de uma cultura, torna-se evidente que ela deverá adaptar-se, infalivelmente, aos novos conceitos e às novas coisas. Assim, ao entrar em contato com o português, sofreu o tupi algumas alterações, sobretudo de ordem semântica. Porém, não tantas nem tão profundas como quer Mattoso Câmara. Houve, sim, certa irradiação significativa, que emprestou a determinadas palavras tupis sentido europeu ou cristão: *iaguara*, "onça" > "cachorro";¹¹ *potãla*, "aldrava, tranca" > "trinco", "ferrolho" > "gatilho"; *tupã*, "raio, trovão" > "Deus"; *anhangá*, "gênio malévolo da floresta" > "demônio"... Criaram-se, outrossim, neologismos circunloquiais, por exemplo, *italuba* (< *itá*, "pedra" > "ferro" > "metal" + *iuba*, "amarelo"), "ouro" > "moeda", > "dinheiro"; *abará guasu* (< *abá*, "índio, homem" + *rá*, "diferente" + *guasú*, "grande"), "padre grande", isto é, "bispo"... Também se nos deparam, no tupi brasílico, uns lusitanismos v. g. *kabaru* (cavalo), *karapina* (carpinteiro), *misá* (missa) e outros termos referentes à Religião.

Reduz-se, pois, a tão propalada latinização do tupi, quase exclusivamente, à nomenclatura e ao arranjo gramatical.¹²

Segundo momento: o brasillano

Seria erro palmar confundir, qual fazem muitos tupinólogos apressados, o tupi original dos jesuítas com a "língua geral" do Brasil costeiro. A língua geral, batizada por Edelweiss como dialeto "brasillano", — termo tomado

¹⁰ Caso idêntico se verifica com os primeiros trabalhos em língua guarani: só foram dados à estampa cinquenta anos após o estabelecimento dos jesuítas no Paraguai (cf. EDELWEISS, p. 41).

¹¹ Para voltar ao sentido original, empregava o tupi coloquial a partícula —eté: *iaguar-eté*, "onça verdadeira".

¹² Pode-se, até certo ponto, falar de uma "aculturação" jesuítica (vejam-se, por exemplo, os elementos autóctones nos autos anchietanos). O que é censurável nos inaianos é o descaso pela implantação da imprensa na América portuguesa e o alheamento dos brasilíndios na documentação lingüística, o contrário justamente que sucedeu na América espanhola, onde os nativos chegaram a escrever, no seu próprio idioma, cartas a autoridades civis e religiosas.

ao **Dicionário português e brasileiro**, que reproduz o tupi falado no Estado do Maranhão, por volta de 1700 —, era apenas uma língua superlocal, veicular, de intercâmbio e, portanto, efêmera.¹³

São as missões franciscanas do antigo território do Maranhão e Grão-Pará que, mediante sua gramáticas, vocabulários e catecismos, nos fornecem os elos imprescindíveis à reconstituição da diacronia do tupi, que veio sofrendo profunda influência do português e de outras línguas autóctones.

Constituía o brasileiro simples acomodação lingüística, resultante da extraordinária miscigenação entre índios e brancos, e entre tupis e jês, mercê dos aldeamentos lingüisticamente heterogêneos. Servindo quase tão somente para as relações econômicas, possuía gramática rudimentar e vocabulário reduzido. O bilingüismo — condição "sine qua non" de interpretação de sistemas — é comprovado à saciedade, pelos inúmeros lusismos (e suas respectivas adaptações fonéticas) encontradiços nos vocabulários brasileiros das décadas compreendidas entre 1680 e 1750,¹⁴ que nos fazem vislumbrar a real situação lingüística das camadas populares daquela época. Eis algumas exemplificações, respigadas no **Dicionário português e brasileiro**: **aramoçara** (< almoçar), **cepetu** (< espeto), **curuça** (< cruz), **kendara** (< quintal), **navala** (< navalha), **pereru** (< ferreiro), **sorara** (< soldado), **xabi** ou **xauí** (< chave)...

Brasilico e brasileiro formam, pois, um par expressivo e distinto, de capital relevância na filologia tupi.

Terceiro momento: o nheengatu

Para a propagação da Fé nas regiões do Norte, foi a língua geral o meio mais rápido e eficaz empregado pelos membros da Companhia de Jesus. E, após sua expulsão (1759), os religiosos que os sucederam nas fainas apostólicas se serviram, — a despeito da crescente população branca e do uso progressivo do português —, de um veiculo idêntico, vale dizer, de um dialeto tupinico de intercâmbio: o nheengatu¹⁵.

Excluído, porém, o resumido elenco vocabular de Spix e Martius, nada existe que nos faça entrever o estado da língua geral entre 1750 e 1851, quando o nacionalismo romântico e o zelo pastoral de D. José Afonso de Moraes Torres criaram a cátedra de língua indígena geral, no seminário do Pará.

¹³ Entretanto, o chamado "dialeto caipira" postula a existência de falares crioulos ou semi-crioulos cuja língua-base era constituída pelo português medieval tardio, de permeio a muitos elementos tupinicos (estou para publicar nesta revista "O problema dos tupinismos fonéticos e mórficos no português popular do Brasil").

¹⁴ Refiro-me, principalmente, ao **Dicionário português e brasileiro**, ao **Dicionário brasileiro-português** e ao **Caderno da língua**, de frei João de Arronches.

¹⁵ **Nheengatu** (< **nheenga** + **katu**) significa "língua boa", devido à facilidade de comunicação que proporcionava. Aliás, a integridade territorial da Pátria deve-se, em grande parte, à extraordinária difusão do tupi, máxime da língua geral.

Fruto desse curso é o aparecimento, já em 1853, do minguado *Vocabulário da língua indígena geral*, do pe. Manuel Justiniano de Seixas: primeira publicação da terceira fase do tupi. D. Frederico Costa dava à estampa, ainda em 1909, pequeno manual de rudimentos do nheengatu, pelo "desejo de auxiliar os sacerdotes que tiverem de exercer o ministério nesta parte importantíssima do Amazonas, ¹⁶ quer dizer, a bacia do Rio Negro ¹⁷.

A acomodação e a simplificação do tupi, já verificadas na língua geral, se nos apresentam ainda mais radicais no nheengatu, o tupi amazônico moderno. Derivado do brasileiro, tornou-se ele, a partir do ocaso do século XVIII, verdadeira língua franca, de intercuro, entre colonos, mestiços e índios semi-aculturados da Amazônia, persistindo até hoje em certas regiões mais afastadas da civilização.

Incorporou o nheengatu muitos empréstimos lexicais do português: *bêçu*, "beicho, lábio"; *dirêtu*, "direito"; *panela*, "panela"; *fexta ruka*, "casa de festa"; *nuve*, "nuvem"... A esses lusismos devem-se, conseqüentemente, os fonemas /b/, /d/, /l/, /f/ e /v/ — inexistentes no tupi original. ¹⁸

Conclusão

Incumbe, pois, ao filólogo tupinista proceder ao estudo comparativo — no tempo e no espaço — do brasílico, do brasileiro e do nheengatu.

É também tarefa sua equacionar o problema dos tupinismos fonéticos e mórficos no português popular do Brasil, devidos à ação aloglótica dos indígenas que, subitamente, se acharam diante de uma língua estranha, o português, que deviam aprender de oitiva. É a teoria do "estado latente" de Menéndez Pidal ou da "deriva" (inglês *drift*) de Sapir ou da "predisposição coletiva" de Mattoso Câmara: direção determinada, com uma série de possibilidades, que norteia a evolução da língua. A velocidade mutacional depende de condições histórico-sociais. Ora, em geral, a ação dos aloglotos consiste precisamente na precipitação da deriva, no aceleração brusco e extremo das tendências pré-existentes, realizando de chofre o que, em condições normais, levaria séculos talvez para completar-se: fenômeno que Weinreich apelidou, de maneira muito pitoresca, "efeito do gatilho" (*trigger effect*). ¹⁹

Está-lhe afeto, outrossim, o estudo etimológico do grande acervo de tupinismos lexicais. Entretanto, muitas das "etimologias" de nossos pretensos tupinólogos são incertas ou forçadas, quando não fantasiosas ou absurdas; partem da pressuposição de que o tupi é língua aflutivamente "stricto sen-

¹⁶ Apud EDELWEISS, p. 36.

¹⁷ Para o estudo do nheengatu, merecem ser citados, entre outros, os compêndios de Couto de Magalhães, Pedro Luis Sympson e Constantino Tastevin.

¹⁸ Encontram-se também empréstimos lexicais e fonéticos provenientes de outras línguas indígenas, particularmente do grupo aruaque.

¹⁹ Cf. WEINREICH, Uriel. *Languages in contact—findings and problems*. 4. ed. The Hague, Mouton, 1966. p. 25.

su" e, portanto, nele tudo se há de explicar pela aglutinação²⁰. No atinente aos topônimos, merece lembrado que muitos deles foram adulterados pelos brancos. Antes de qualquer explicação, urge investigar quais as variantes populares e, principalmente, quais as documentações mais antigas, v. g., Itajaí acha-se documentado Tajahy, vale dizer, "rio dos taiás".

Por sua vez, cabe ao lingüista realizar a classificação — genética ou tipológica — das cento e cinquenta línguas brasilíndias ainda existentes. Mas para tanto, mister se faz detalhado conhecimento das línguas comparandas²¹.

20 O significado de Caramuru não é "filho do trovão", como alguns livros ainda repetem; significa apenas "moréia, enguia". A fantasia levou Batista Caetano a ver em sabiá (haã + pyi + har), "aquele que reza muito" (sic). Ademais, é preciso precaver-se contra o romantismo tupinista: por exemplo, pindorama, "região das palmeiras", é a palavra forjada pelos românticos; nunca foi usada pelos índios; em tupi seria pindoretama. Aliás, Gonçalves Dias, no poemeto I-jucá-pirama (literalmente: "aquele que vai ser morto"), chega a transferir toda uma cultura tupi aos timbiras, do grupo jê.

21 O "summer Institute of Linguistics" já efetuou, mediante o método tagmênico, levantamentos lingüísticos, sobretudo fonológicos, de umas sessenta línguas indígenas do Brasil; também a secção de antropologia do Museu Nacional trouxe a lume, sob a orientação de Aryon Dall'Igna Rodrigues, diversos trabalhos nesse sentido. Para uma visão mais ampla daquilo que já se realizou, veja Erasmo D'Almeida Magalhães. Quinze anos de lingüística indígena brasileira. *Língua e literatura*, São Paulo (3):251-78, 1974.

REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS

- BARBOSA, A. Lemos. Curso de tupi antigo. Rio de Janeiro, São José, 1956. 479 p.
———. Pequeno vocabulário tupi-português. 3. ed. Rio de Janeiro, São José, 1967. 209 p.
EDELWEISS, Frederico G. Estudos tupis e tupi-guaranis. Rio de Janeiro, Brasiliense Ed., 1969. 301 p.
MAGALHÃES, Erasmo d'Almeida. Quinze anos de lingüística indígena brasileira. *Língua e literatura*, São Paulo, 3:251-78, 1974.
MATTOSO CAMARA, JR., J. Introdução às línguas indígenas brasileiras. 2. ed. Rio de Janeiro, Acadêmica. 1965. 230 p.
MENDONÇA, Renato. O português no Brasil. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira. 1936. 344 p.
PINTO, Estêvão. Os indígenas no nordeste. São Paulo, Ed. Nacional, 1935. v. 1.
SAMPAIO, Theodoro & TESCHALIER, Carlos. Os naturalistas viajantes dos séculos XVIII e XIX e a etnografia indígena. Salvador, Liv. Progresso Ed., 1955. 305 p.
WEINREICH, Uriel. Languages in contact—findings and problems. 4. ed. The Hague, Mouton, 1966. 149 p.

Resumo

O autor pretende precisar as fases filológicas do tupi. O tupi jesuítico não é sistematização latinizada e simplificada; não é completa transformação semântica sob uma visão ocidental e cristã; nem foi língua veicular. É, sim,

a **língua brasilica** unificada: sistematizada pela gramática, pelos catecismos e pelos vocabulários. Trata-se do tupi antigo, comum, corrente nas regiões costeiras, desde São Vicente até o Maranhão, durante os séculos XVI e XVII.

A **língua geral** constituía simples acomodação lingüística, resultante da miscigenação entre índios e brancos, e entre tupis e jês. Possuindo gramática rudimentar e léxico reduzido, o **brasillano** servia apenas como língua superlocal.

Radical simplificação do brasileiro e eivado de empréstimos portugueses e aruaques, tornou-se **nheengatu**, a partir do fim do século XVIII, verdadeira língua franca entre colonos, mestiços e índios semi-aculturados da Amazônia.

Résumé

L'auteur prétend situer les phases philologiques du tupy. Le tupy des jésuites n'est pas la systématisation latinisée et simplifiée; une transformation sémantique sous le point de vue occidental et chrétien; non plus une langue véhiculaire. Il est la langue "brasilica" unifiée: systématisée par la grammaire, par les catéchismes et par les lexiques. C'est le tupy ancien, commun, courant dans la côte du Brésil, de "São Vicente" à "Maranhão", pendant le XVIe. et le XVIIe. siècles.

La "língua geral" constituait un simple ajustement linguistique, comme résultat du mélange entre indiens et européens et entre les tupys et les "jês". Avec une grammaire rudimentaire et un lexique limité, le "brasillano" n'avait qu'une fonction: celle de langue supralocale.

Le "brasillano", radicalement simplifié et plein d'emprunts du portugais et de l'aruaq, à la fin du XVIIe. siècle devint le "nheengatu", une vraie langue pour les colons, les métis et les indiens amazoniques de moyenne acculturation.